



“Educação como prática de Liberdade”:  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10041 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT06 - Educação Popular

“EU POSSO E TODAS AS MULHERES PODEM”: EDUCAÇÃO, TRABALHO E ALIMENTAÇÃO NAS EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS DE UMA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA

Everton Luiz Simon - UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul

Cristina Luisa Bencke Vergutz - UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPERGS

**“EU POSSO E TODAS AS MULHERES PODEM”: EDUCAÇÃO, TRABALHO E ALIMENTAÇÃO NAS EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS DE UMA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA**

**Autor**

**E-mail**

**Autora**

**E-mail**

**RESUMO:**

O presente texto objetiva refletir sobre as experiências de mulheres com a alimentação, a partir da teoria da ação dialógica proposta por Paulo Freire, em uma Escola Família Agrícola (EFA), na Região do Vale do Rio Pardo, Rio Grande do Sul. O ensaio surge a partir do desdobramento de uma pesquisa de campo e da relação orgânica com a EFA em questão. As experiências *in loco*, mediatizadas pelas técnicas da observação participante e do diário de campo, permitiu acompanhar, cooperar e estabelecer relações com os processos e os significados entre os sujeitos envolvidos, posteriormente, os registros foram transcritos e analisados a partir da Análise Textual Discursiva (ATD). Constatou-se que as experiências pedagógicas da/na EFA aproximam as famílias dos estudantes indicam o quanto ações educativas marcam os encontros entre os sujeitos, homens e mulheres ao permitir uma reflexão crítica sobre a naturalização da divisão sexual do trabalho e abre possibilidades de ampliação de práticas coletivas que sejam transformadoras de si e do mundo.

**Palavras-chave:** Divisão Sexual do Trabalho. Saber da experiência. Diálogo. Consciência crítica. Comunidade.

Esse trabalho objetiva refletir sobre as experiências de mulheres com a alimentação, a partir da teoria da ação dialógica proposta por Paulo Freire, associando ao dia a dia dos coletivos de trabalho em uma Escola Família Agrícola (EFA) [1]. Trata-se de uma escola do campo que organiza sua proposta política na Pedagogia da Alternância, atendendo a jovens filhos/as de agricultores/as familiares da região do Vale do Rio Pardo, no Estado do Rio Grande do Sul. Compreendemos a agricultura como território de relações produtivas e reprodutivas e, por isso, é importante refletir as experiências em função das relações de poder.

A alternância de espaço e tempo é organizada em sessões escolares e sessões familiares-comunitárias. Cada sessão acontece no período de uma semana, sendo que ao estarem no tempo e espaço da sessão escolar a dinâmica pedagógica acontece na sala de aula, nas áreas agrícolas, nos dormitórios, na cozinha, no refeitório, nas áreas de lazer e esportes, etc. Portanto, espaços em que a dinâmica entre educação e trabalho se amplifica e se materializa através de coletivos que são auto-organizados pelos/as estudantes. A sessão família-comunidade contribui para a organização das ações pedagógicas da/na escola, e o trabalho se faz fundamental para a construção de conhecimentos. Ao assumi-lo enquanto valor social, executado pela e com a coletividade, os/as estudantes participam dele para compreender a lógica da aquisição e compreensão de normas e técnicas, seguindo os caminhos do trabalho socialmente útil para homens e mulheres. (PISTRAK, 2000). O que para Freire (1982, 2011, 2018), encontra-se na manifestação cultural que se constitui e transforma o/no mundo pelo “dizer sua palavra”.

O ensaio apresentado para esse evento surge a partir do desdobramento de uma pesquisa de campo e da relação orgânica na/com a EFA em questão. O registro destas experiências apoia-se na observação participante uma vez que possibilita a integração do/da pesquisador/a com o contexto e o ambiente pesquisado, permitindo acompanhar, cooperar e estabelecer relações com os processos e os significados entre os sujeitos envolvidos. (OLIVEIRA, 2020). Além disso, apoia-se nos registros de diário de campo, realizados durante ano de 2019, posteriormente, transcritas e analisadas a partir da Análise Textual Discursiva, proposta por Moraes e Galiuzzi (2016). Os procedimentos éticos estão assegurados pelo consentimento e assentimento dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Nas propriedades rurais as mulheres desempenham papéis fundamentais, que não se limitam aos domésticos e de cuidados. Elas desempenham trabalhos na lavoura, sendo responsáveis por todo o processo de produção de alimentos, desde a conservação e reprodução das sementes crioulas, de mudas, cultivo, colheita, beneficiamento e armazenamento da semente e/ou alimento para o consumo familiar. As atividades relacionadas ao cuidado com os animais domésticos de corte (aves, suínos e bovinos) são também realizadas por elas. Quanto à produção de alimentos, um conjunto de saberes, práticas e técnicas é transmitido de geração para geração através da relação educação e trabalho, configurando a prática reflexiva do “saber da experiência feito”, proposto por Freire (2011). Esses saberes e práticas distribuem-se nas mais diversas atividades, do abate ao corte adequado/indicado para preparo da ave (cortes de primeira para ser assada, pedaços destinados à sopa e os pedaços para a galinhada em momentos especiais); do preparo da vaca para a ordenha, no processamento adequado do leite, na decantação/repouso do leite para a feitura da nata e na elaboração de queijos; na produção de pães,ucas, bolos e biscoitos; no preparo e manejo da terra no quintal para o cultivo de legumes, hortaliças e temperos para o consumo da/na família, e a transmissão de saberes e de conhecimentos sobre o cultivo e a manutenção de chás e óleos medicinais. Contudo, as atividades e saberes das mulheres não são reconhecidos e, por isso, não são valorizados como sendo trabalho produtivo ou como conhecimento socialmente útil.

Essa afirmação é percebida a partir do relato de uma estudante da EFA “[...] mulher não serve pra ir pra lavoura, só pro trabalho doméstico, mas é totalmente o contrário [...]”. No registro

percebe-se a sua consciência crítica ao contra-argumentar as relações de poder que permeiam o/no território e nas relações produtivas. A estudante ainda afirma que “a mulher faz o trabalho doméstico e faz mil e uma coisa. Já o homem é aquilo, fica responsável só por colocar dinheiro dentro de casa, como se o trabalho pudesse ser visto como ajuda”. (DIÁRIO DE CAMPO, 2019). Como observado, os trabalhos das mulheres se materializam na manutenção da vida, no cultivo de hortaliças, legumes, ervas, chás e flores nas proximidades da casa e no cuidado com os animais de corte, ou seja, um conjunto de atividades laborais que são invisibilizados e vistos como ajuda. São elas que conhecem, planejam, administram as necessidades da vida dos/das que as rodeiam. E, cuidam dos seus entes.

Desta forma, o direcionamento e a exaltação da forma de ser, existir, estar e produzir é androcêntrico, heterossexual, branco e ocidental, o que torna os trabalhos essenciais para a existência da humanidade mesmo que naturalizados como sendo próprios às mulheres. Por outro lado, percebe-se que as atividades desenvolvidas na EFA se tornam importantes instrumentos, principalmente, na mudança sobre as relações de trabalho e gênero, conforme é possível observar no relato da estudante, “[...] a mulher na propriedade é vista como ajudante, mas esse ano consegui colocar na mente do meu pai que não, eu não tô ajudando, eu tô aqui porque eu trabalho: ‘eu não só te ajudo, eu trabalho eu e minha mãe trabalha até mais que tu’ [...]”. (DIÁRIO DE CAMPO, 2019). É o que Gebara (2015) identifica como as “epistemologias da vida ordinária”, uma vez que as mulheres vão construindo conhecimentos nas relações de sua existência e nos cuidados com a vida, ou seja, tudo aquilo que se faz presente na “cotidianidade epistemológica não reconhecida pela ciência epistemológica”. (GEBARA, 2015, p. 34). E, com isso, vão entendendo-se como sujeitos históricos, como identificamos em outra de suas falas: “logo de cara, no primeiro ano, quando vi que não sirvo só pra ajudar, [e que] eu tenho voz na minha propriedade, tenho que falar o que acho. Por mais que não dê certo, eu tenho que falar!”

A desvalorização desse trabalho se reflete também dentro das atividades pedagógicas realizadas na EFA. As observações participantes apontam desigualdade na realização do trabalho, sejam elas “dentro da casa”, por exemplo, nos coletivos de limpeza, ou “fora da casa”, como no coletivo da salada. Os homens “automaticamente” se encaminham para os trabalhos considerados “pesados” por não terem a confiança para realizarem atividades domésticas. Isso mostra como a questão do patriarcado, reflete nos conhecimentos que são transmitidos para os homens e para as mulheres dentro das propriedades familiares, conforme o papel social esperado de acordo com o gênero. Até mesmo quando os homens participam dos coletivos de limpeza do espaço de convivência e do preparo da salada, eles esperam que as mulheres tomem a frente e os direcionam para as funções, porque a mulher é vista como a responsável por esse trabalho. Então, podemos compreender que o papel das mulheres camponesas não se limita aos trabalhos domésticos, elas desempenham um papel educacional transmitindo saberes e conhecimentos da experiência popular, bem como, garantindo a sobrevivência e a (re)produção da vida. As mulheres não nascem sabendo desses trabalhos, elas são ensinadas, geralmente, por outras mulheres, que também aprenderam com mulheres e assim, há um processo histórico, de processos, de técnicas e de receitas, transmitidos através da oralidade e na feitura, num encontro dialógico e pedagógico entre gerações.

Trazer para a visibilidade esta reprodução da divisão sexual do trabalho, dialoga com o que Freire (2011) chama de “ad-mirar” o mundo, ou seja, molhados pela realidade, se afasta dela para “ad-mirá-la” em sua globalidade, tomando distância para aproximar-se novamente para criar e recriar conhecimentos. São apontamentos que potencializam a reflexão e recriação da materialidade da vida das mulheres dentro da EFA. Esse estudo mostra como os saberes, os conhecimentos e os trabalhos realizados pelas mulheres desempenham um papel educacional dentro da Pedagogia da Alternância que acontece na EFA. As vivências e experiências na escola permitem “trocas de saberes, de experiências, de tudo, de afeto entre as famílias” e na

família “mudar as relações entre pai como Homem e filha como estudante”. (DIÁRIO DE CAMPO, 2019). O diálogo proporcionado pela escola/estudantes e a comunidade na visão da estudante é importante, pois “a família mantém contato, conversa nas assembleias da escola, pergunta como tá a propriedade: “melhorou? caiu?”. Acaba virando família, um irmão meio distante, é só uma semana, mas vira família”. (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

Portanto, as experiências pedagógicas da/na EFA aproximam as famílias dos estudantes e indicam o quanto ações educativas marcam os encontros entre os sujeitos, homens e mulheres, mediatizados pelos trabalhos cotidianos na manutenção da vida, tanto na produção de alimentos, quanto no seu preparo. Ou seja, essas experiências permitem a reflexão crítica sobre a naturalização da divisão sexual do trabalho e abre possibilidades de ampliação de práticas coletivas que sejam transformadoras de si e do mundo.

Refletir sobre os coletivos de trabalhos, as experiências pedagógicas e mulheres se apresenta como necessário na sua organização política pedagógica e é coerente com a proposta educacional desta escola que, historicamente, se apresenta aberta para pesquisas sobre sua realidade se propondo a reinventar a si mesma e, a partir do legado metodológico e epistemológico freireano, tanto pelo seu vínculo histórico da relação trabalho e educação mas, principalmente, “pela sua essência pedagógica marcada pelo diálogo e pela partilha do poder educativo na perspectiva da horizontalidade”, como identificaram XXXXX e XXXXXXXX (2018, p. 153). Como pudemos identificar, as experiências significativas e a boa formação estão no diálogo:

tô aqui pra mostrar pra essas pessoas de que eu posso, que toda mulher pode, que a gente não é o sexo frágil que todo mundo diz, e que tem mulher que é muito mais homem do que muito homem por aí acredito que seja só questão de orgulho. Por mais que eu erre, todo mundo erra, tem seus defeitos, mas me sinto muito orgulhosa de tá aqui e tá vivendo esse momento, por exemplo agora, essa entrevista, esse momento, é emocionante, sabe? (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

Assim, são pelos caminhos de uma ação dialógica, que Freire (2011) nos indica: a colaboração, a união e a síntese cultural que se entrelaçam no sentido da dependência de todos e todas entre si e com a natureza criando e recriando as ações que dão sentido a este trabalho, ao processo de ensinar e aprender no e com os coletivos de trabalho, expressando os diálogos, partilhas e trocas presentes na cotidianidade pedagógica da escola, em que “os sujeitos se encontram para a transformação do mundo” (FREIRE, 2011, p. 227) em comunhão.

## Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 50ª ed. 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 6.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GEBARA, Ivone. As epistemologias teológicas e suas consequências. NEUENFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara (orgs). **Epistemologia, Violência e Sexualidade**: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2015.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2016.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2020.

PISTRAK, M. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

Referência ocultada pelos autores.

---

[1]-Participaram da pesquisa, duas bolsistas de IC: uma PROBIC/FAPERGS e outra PIBIC /CNPQ, vinculadas ao projeto de pesquisa XXXXX.